

CONCEPÇÕES DE TRABALHO: JOHN STEINBECK, OS PAISANOS E A SÁTIRA AOS VALORES DA SOCIEDADE BURGUESA

Lucas André Berno Kölln¹

Resumo: Nos anos 20 e 30 os Estados Unidos vivenciaram uma série de transformações econômicas e sociais trazidas de roldão pela industrialização, aumento da especulação financeira e pelas modificações nas relações sociais de produção em espectro amplo. Um dos pontos nevrálgicos dessa mudança foi precisamente o modo de trabalhar, cuja modificação incorreu em conseqüências diretas para os trabalhadores em todo o seu modo de viver. As classes dominantes, visando fomentar a nova dinâmica econômica em expansão, buscaram "reprogramar" o trabalhador não somente na aprendizagem técnica do processo de produção, mas também em seus valores, rotinas, comportamentos e visão de mundo. Na direção oposta dessas pretensões hegemônicas está o escritor John Steinbeck, cujo romance de 1935, *Boêmios Errantes*, constitui, através do retrato do cotidiano de um grupo de vagabundos paisanos, uma abordagem profundamente dissonante daquela hegemônica acerca do trabalho, mostrado no livro a partir de práticas e costumes a ela contrapostos.

Grupo de Trabalho 8 - Globalização, Relações Políticas e Trabalhadores: conjecturas e processo histórico

Os anos 30 foram um período deveras dramático nos Estados Unidos. O rescaldo da crise de 29 grassava amplamente a realidade social e envolvia a todos num processo de instabilidade que punha em xeque diversos aspectos da realidade cotidiana. Não à toa que tal realidade histórica - prenhe de conflituosidades, peculiarmente para os trabalhadores - tenha se tornado "matéria-prima" para muitos escritores do período, como, por exemplo, William Faulkner, John dos Passos, Erskine Caldwell, Upton Sinclair e John Steinbeck, sendo esse último o autor cujas obras servem de base para as discussões presentes nesse texto.

John Steinbeck (1902-1968) nasceu no Oeste dos Estados Unidos, no estado da Califórnia, na cidade de Salinas, onde passou sua infância e parte da juventude. Tendo vivido na pequena propriedade dos pais, sua origem e sua criação foram fundamentalmente calcadas no modo de vida que vicejava nesse arranjo "sócio-histórico" em que os agricultores detinham a propriedade da terra e, conseqüentemente, dos nuances de seu trabalho e de sua própria existência, em alguma medida.

O sociólogo estadunidense Wright Mills chamou esses grupos de "antigas classes médias rurais". O modo de trabalhar, a visão de mundo, o tempo, a relação com a natureza, a moral, a historicidade, enfim, o modo de existir em seus mais diversos aspectos estavam ancorados nessa base material:

Trabalho e propriedade estavam ligados de maneira inseparável. A propriedade era o local e o instrumento de aplicação do trabalho; o status social baseava-se em grande parte, na extensão e no estado da propriedade; a renda derivava dos lucros obtidos com o trabalho sobre a propriedade particular. Havia, portanto, uma estreita relação entre renda, status, trabalho e propriedade. (MILLS, 1979, p. 31)

¹ Mestrando do Programa de Pós-Graduação *História, Poder e Práticas Sociais* da Unioeste - Universidade Estadual do Oeste do Paraná, orientado pelo Prof. Dr. Antônio de Pádua Bosi. E-mail: lucas_kolln@yahoo.com.br

Esse foi o "mundo" em que Steinbeck foi criado e foi nesse "fogo" que sua identidade, suas posições e suas próprias concepções morais e históricas foram cozidas. A partir dessa formação identitária, portanto, Steinbeck nos fornece uma visão peculiar acerca do processo histórico em curso nos Estados Unidos dos anos 30, cujo fulcro remonta a, pelo menos, o século XIX. Sua "leitura" literária da realidade histórica constitui um dos mais ricos e consultados trabalhos acerca de seu tempo e de todo o processo de "reestruturação" econômica que sobreveio à crise de 29.

Nesse sentido, são principalmente suas obras da década de 30 que se constituem em fonte profícua para a compreensão desse processo em termos históricos e subjetivos. A realidade retratada por Steinbeck, em que pese seus condicionamentos subjetivos e individuais, nos fornece uma "leitura" apurada e profundamente crítica a respeito do processo histórico em curso naquela realidade: uma nova dinâmica econômica, acentuada pela "exigência" de reestruturação no pós-Grande Depressão, assomava a realidade onde vivia John Steinbeck e seus pares, os pequenos proprietários.

Alguns dos expedientes da reestruturação econômica - ou avanço da nova dinâmica econômica - eram a concentração de terras e meios de produção, o aumento do capital especulativo e a exploração científica, industrial e capitalista da terra. Todos esses aspectos da transformação em curso nos Estados Unidos atentavam diretamente contra as bases do "mundo" em que viveu John Steinbeck. Sua visão acerca desse processo, portanto, guarda profundos significados para a historiografia, inclusive por se tratar de um voz dissonante a respeito dessas transformações.

Os três primeiros romances que o autor publicou na década de 30 (*As pastagens do céu* [1932], *O menino e o alazão* [1933] e *Ao deus desconhecido* [1933]) se voltam amplamente à celebração e retrato do antigo "mundo" em que Steinbeck - e os pequenos proprietários - viveram e em relação ao qual possuíam uma relação profunda em termos tanto materiais quanto subjetivos. Os personagens desses romances são, na sua maioria, pequenos proprietários tais quais aqueles com os quais conviveu Steinbeck durante boa parte de sua vida. As histórias que esses romances narram aludem constantemente às experiências desses sujeitos na lida agrícola diária, os ritmos e a beleza de seu trabalho, o cotidiano e os costumes que integravam aquele modo de vida que o autor conhecera tão de perto e pelo qual manifestava profunda simpatia.

A "leitura" do autor acerca desse "mundo", portanto, é de profunda reverência e uma espécie de nostalgia velada, uma vez que ele se volta à construção literária de uma realidade que estava sendo sistematicamente ameaçada pelos ditames da nova dinâmica econômica.

A abordagem do autor em relação à realidade histórica vivenciada e observada cotidianamente foi mudando conforme avançavam os anos 30 e conforme sua própria forma de enxergar e compreender o processo histórico mudavam. Basta olhar para os livros escritos pelo autor na primeira metade da década de 30 e aqueles que constituem sua obra da segunda metade: são visões diferentes, que estão pautadas em interpretações diferentes e que, portanto, possuem questões diferentes perpassando sua abordagem literária.

Ao colocar frente à frente um dos três romances que Steinbeck escreveu na primeira metade da década de 30 e, por exemplo, *As Vinhas da Ira*, tido como sua obra-prima, perceber-se-á que as questões nas quais tocam um e outro são bastante diferentes, mas o processo histórico que as ensejou possui fortes similaridades. É forçoso reconhecer, no entanto, que entre um livro e outro, o processo de declínio das "antigas classes médias rurais" aprofundou-se sensivelmente, o que teria toldado o pensamento de Steinbeck em direção a uma leitura mais amarga da realidade, afinal sua

literatura era posta à prova pela história todo o tempo através da crueldade do processo histórico em curso.

O romance publicado em 1935, intitulado *Boêmios Errantes (Tortilla Flat)*, ocupa, nesse sentido, um local *sui generis* na produção literária do autor, entre outros motivos, porque traz sintomas de mudança tanto em relação à experiência histórica quanto no que diz respeito à "leitura" que Steinbeck produziu sobre ela. Ele se localiza no limiar entre uma e outra visões de Steinbeck, é a transição de sua visão da primeira metade da década de 30 para aquela que se consolidou na segunda metade.

Boêmios Errantes, ao contrário de suas obras anteriores da década de 30, não traz como protagonistas os pequenos proprietários, mas sim um grupo de trabalhadores paisanos. Esse grupo de paisanos possuem condutas, atitudes, visão de mundo e cotidiano no mínimo pitorescos, mas cuja peculiaridade encerra significados profundos a respeito das mudanças em operação na realidade estadunidense e seus efeitos sobre os trabalhadores do período.

O livro todo se passa em torno das aventuras e do cotidiano desses sujeitos. Danny, Pilon e os demais vagabundos tem seu dia-a-dia retratado por Steinbeck, desde suas homéricas bebedeiras de vinho até sua recusa em se enquadrar às rígidas rotinas de trabalho, de sua solidariedade e lealdade humanistas até seus receios e temores a respeito do dinheiro. O autor chega a comparar esse grupo de paisanos aos cavaleiros da Távola Redonda:

(...) quando se fala da casa de Danny, fica entendido que significa um grupo composto de homens, do qual emana delicadeza, alegria, filantropia e, no fim, um arrependimento místico. Pois a casa de Danny não era diferente da Távola Redonda e os amigos de Danny não eram diferentes dos cavaleiros pertencentes àquela. (STEINBECK, s/d, p. 7)

Além do fato das lendas Arturianas serem uma das obras de referência para Steinbeck, a analogia que ele sugere aqui quer pôr em relevo o compromisso de lealdade que une esses sujeitos e que os põem como figuras cavaleirescas apesar do estigma de inferioridade que lhes concerne por parte da mentalidade hegemônica. A comparação não é, portanto, fortuita, mas sim parte de uma "leitura" da realidade que chama a atenção pela oposição aos ditames da hegemonia burguesa.

A questão dos protagonistas é um dos pontos que chama a atenção, pois a mudança de personagens não se dava somente no palco da ficção, mas na própria realidade histórica, uma vez que os antigos pequenos proprietários, perdendo massivamente suas terras, eram obrigados a se tornarem trabalhadores agrícolas. *Boêmios Errantes*, nesse sentido, apresenta uma mudança na "leitura" de Steinbeck bem como aponta para uma mudança que ocorria factualmente naquele contexto.

Além disso, cabe ainda ressaltar que os trabalhadores retratados por Steinbeck eram um grupo específico de trabalhadores, cuja existência histórica estava profundamente entranhada não só com as mudanças econômicas dos Estados Unidos como também em relação à sociedade da qual fazem parte. Os trabalhadores que ocupam o palco de *Boêmios Errantes* são os paisanos, como Steinbeck nos explica:

O que é um paisano? É uma mistura de sangue espanhol, índio, mexicano e caucasiano de várias procedências. Seus antepassados vivem na Califórnia há mais de cem ou duzentos anos. Falam inglês com sotaque paisano e espanhol da mesma forma. Quando perguntados sobre sua raça, reivindicam, indignados, o puro sangue espanhol e levantam a manga da camisa para mostrar que a parte interna do braço

é quase branca. Sua tez, da cor de um usado cachimbo de espuma-do-mar, é descrita por eles como bronzeada pelo sol. (*Idem, ibidem*, p. 8)

Ou seja, os paisanos que se tornaram personagens no romance de Steinbeck, não são pura e simples abstração criativa da mente do autor, mas um grupo de trabalhadores cuja origem e cuja existência social está ligada às "demandas" de mão-de-obra que o capitalismo estadunidense supriu com imigrações ao longo de sua existência. No caso, o autor está se referindo a um grupo específico de imigrantes, pois os paisanos são, em sua expressão ficcional e em sua matriz histórica, descendentes de mexicanos que habitavam a fronteira estadunidense ou que foram trazidos (ou atraídos) para o país para suprir a mão-de-obra necessária às "exigências" do desenvolvimento capitalista.

Tais trabalhadores, à época de Steinbeck, possuíam uma existência social bastante precária, pois não bastasse sua posição desprivilegiada diante do capital que os explorava como mão-de-obra barata e mais "controlável" por conta de sua condição de estrangeiros - o que facilitava a deportação em caso de organização reivindicatória -, também eram eles desfavorecidos perante o pensamento hegemônico, que os subalternizava e os marginalizava. O contexto social no qual estava Steinbeck pressionava-o no sentido de enxergar com maus olhos esses sujeitos, pois o modo de vida que eles cultivavam e suas atitudes perante o trabalho, a noção de tempo e de acumulação eram profundamente discrepantes às condutas "modelares" que preconizava o capitalismo hegemônico estadunidense. O autor, no entanto, não sucumbiu às pressões.

Por essa razão é que a imagem desses sujeitos construída por Steinbeck se enche de sentido, pois perante uma sociedade que deles projetava uma imagem negativa, o autor constrói outra bastante diferente por vários motivos, de modo a fazer emanar deles uma solidariedade humanista bastante simpática. Steinbeck enxerga nas circunvoluções do modo de vida desses sujeitos - seus costumes, hábitos, comportamentos, modo de trabalhar, valores, princípios morais etc. - uma outra possibilidade de existência que, precisamente por ser profundamente diferente da hegemônica, se mostrava muito mais humana e satisfatória.

Nesse sentido, *Boêmios Errantes*, ao tratar do cotidiano e das aventuras de um grupo de vagabundos paisanos, constrói toda uma valoração em torno das mentalidades e valores hegemônicos do tempo em que viveu Steinbeck - i.e. os capitalistas -, mostrando como para além dele existiam outros, baseados em outros princípios e práticas, e que eram muito mais positivos.

O presente texto, antes de uma abordagem sistemática acerca dos valores que integram a vida cotidiana dos paisanos, se volta aqui de forma específica à disputa em torno da questão do trabalho. Os valores que se pretendiam hegemônicos no tempo e na sociedade estadunidense da época de Steinbeck tinham como um de seus pontos nevrálgicos uma mudança na concepção de trabalho. O aumento do capital especulativo e o desenvolvimento industrial toldavam a economia num roldão de mudanças que exigia um trabalhador apto a viver de acordo com novas exigências da produção.

Conforme coloca Weber ao escrever sobre o peso que a introdução de novas tecnologias e o avanço da industrialização tem sobre a forma de produzir e, conseqüentemente, de trabalhar, a

extensão da produtividade do trabalho que, através da subordinação do processo de produção a pontos de vista científicos, o tem aliviado de sua dependência de limitações orgânicas naturais ao indivíduo humano. Este processo de racionalização no campo da ciência e da organização

econômica determina indubitavelmente uma parte importante dos 'ideais de vida' da moderna sociedade burguesa. (WEBER, 1967, p. 50)

O retrato de Steinbeck, como se pode perceber por meio desse excerto, se contrapõem aos valores da "moderna sociedade burguesa", que busca inculcar no trabalhador os valores da diligência e de um trabalho que deva ser voltado integralmente à acumulação. A concepção de que todo o tempo deve ser devotado ao trabalho e que esse trabalho deva ser, mais do que quaisquer outras subjetividades, a parte central da vida do sujeito é uma das características essenciais da mentalidade burguesa que vicejava nos Estados Unidos.

Essa mentalidade burguesa com relação ao trabalho não se restringia a uma mera reeducação técnica do trabalhador, nem somente a um processo concernente à produção propriamente dita, mas sim à criação de um novo trabalhador na medida em que estavam em transformação também os valores, a moral e os comportamentos do trabalhador em espectro amplo, em vários setores de sua vida, como aponta Ferreira:

O projeto [era] mais ambicioso e visa[va] criar um novo homem, automatizado como a fábrica, e uma nova sociedade, também eficiente e racionalizada. A dominação burguesa nos Estados Unidos, afirma Gramsci, combinou habilmente a força com a persuasão e, com sucesso, baseou toda a vida social do país na produção. (FERREIRA, 1995, p. 44)

Esse modo de pensar e de viver que preconizava a hegemonia burguesa encontrava, em muitos sentidos, sua antítese na forma de viver e de pensar dos paisanos retratados por Steinbeck. A imagem construída pelo autor, no entanto, não é fruto de sua criatividade imaginativa *per se*, mas sim fruto de um diálogo com um passado de tradições dos paisanos, cujas características com relação ao papel e o valor do trabalho, da moral e das condutas dos sujeitos encontra-se diametralmente opostas àquelas típicas da "moderna sociedade burguesa". Se trata de um diálogo com esses grupos e seus valores, mas um diálogo que se enriquece e se torna concreto na medida em que contrasta com o que se quer hegemônico no período.

Um dos exemplos que podemos encontrar em *Boêmios Errantes* a respeito da relação dos paisanos com o trabalho é em uma das raras ocasiões em que os vagabundos resolvem trabalhar: por conta do aniversário de um dos membros do grupo, Danny, os demais paisanos, acostumados a não trabalharem e sim aproveitarem o dia de forma ociosa, tomam uma decisão: "- Amanhã iremos todos a Monterey limpar lulas e de noite faremos uma festa para Danny." (STEINBECK, s/d, p. 209)

Ao contrário do que preconizava a diligência burguesa, apontada por Weber através dos escritos de Benjamim Franklin, os paisanos partilhavam de uma concepção de trabalho diretamente ligada à satisfação de suas "necessidades tradicionais" (WEBER, 1967, p. 38), ou seja, o trabalho não era, em sua concepção, um expediente com vistas à acumulação ou uma obrigação internalizada. O trabalho tinha para os paisanos um objetivo direto e imediato. Essa visão acerca do trabalho não possui caráter especulativo e disciplinar, como sugere o seguinte trecho extraído das recomendações de Benjamim Franklin:

Lembra-te de que tempo é dinheiro. Aquele que pode ganhar dez xelins por dia por seu trabalho e vai passear, ou fica vadiando metade do dia, embora não despenda mais do que seis pence durante seu divertimento ou vadiação, não deve computar apenas essa despesa; gastou, na

realidade, ou melhor, jogou fora, cinco xelins a mais. (FRANKLIN *apud* WEBER, 1967, p. 29)

Entre o valor do trabalho que partilham os vagabundos e a contabilidade burguesa de Benjamim Franklin há uma diferença estabelecida em nível social amplo na realidade estadunidense: a disputa em torno da concepção de trabalho exprime a própria luta de classes do período. Os paisanos expressam valores tradicionais nesse sentido, pois sua visão acerca do trabalho e do tempo se distanciam das concepções da época na medida em que comungam com os antigos modos de vida, onde não imperava de forma tão ampla e determinante relações de produção capitalistas.

Algo parecido se dá em torno de outra das aventuras dos paisanos narrada por Steinbeck. Diante da necessidade de um amigo que tem um filho que passa por maus bocados, a atitude dos paisanos é bastante curiosa. Ao contrário da postura que assumem em relação ao trabalho, ou seja, a de modorra; os paisanos, por ocasião de ajudarem a um de seus pares, se mostram tão solícitos quanto dispostos a se ocuparem com todas as suas energias no sentido de auxiliá-lo em sua situação, como exprime o trecho a seguir:

Pilon assumiu imediatamente o comando. Jesus Maria foi enviado à casa da Sra. Palochico para pedir um pouco de leite de cabra. Big Joe e Pablo trouxeram uma caixa de maçãs, forraram de capim seco, que cobriram com um casaco de pele de ovelha. Danny ofereceu sua cama, mas foi recusada. O cabo [*o tal amigo que precisava de ajuda*] ficou na sala, sorrindo gentilmente para aquela boa gente. (STEINBECK, s/d, p. 129)

A postura que assumem perante o amigo é expressiva por vários motivos, entre os quais destaco aqui dois. Primeiramente, chama a atenção a disposição dos paisanos em ajudar um amigo, muito diferente do tipo de disposição que possuíam quando o assunto era trabalho. Essa atitude exprime tanto seus valores solidários - não pouco aludidos por Steinbeck - quanto sua concepção em torno do trabalho, pois mesmo sendo capazes de tal diligência e prontidão, eles não as manifestam da forma como queria a hegemonia, isto é, no processo produtivo. O que leva ao segundo motivo: para ajudar um amigo em necessidade, os paisanos se desdobram, mostrando - como sugere à já citada comparação com os cavaleiros da Távola Redonda - uma lealdade e um compromisso pessoal no mínimo nobre.

Não se trata, portanto, de sujeitos que não possuem a capacidade de serem extremamente diligentes e dedicados a algum trabalho, mas sim de sujeitos cujos valores e cujas concepções de trabalho são profundamente distintas daquelas que orientam a produção econômica da época. Sua recusa em trabalhar disciplinar e rotineiramente, aliada à sua prontidão diante da situação de um amigo mostram como suas atitudes estão lastreadas numa visão de mundo em choque com os novos ditames da economia capitalista em sua busca da "reprogramação" dos trabalhadores.

A resistência à implementação desses valores e desse modo de trabalhar, produzir e, conseqüentemente, existir foi em grande medida sustentada no lastro presente em modos de vida como o dos paisanos. Essa foi, como escreveu Weber, a "muralha do hábito" (WEBER, 1967, p. 40) contra a qual se chocaram as mudanças que se pretendiam hegemônicas no período. A atitude tradicional dos paisanos se constituiu num dos entraves que encontrou a nova dinâmica econômica estadunidense.

A "reprogramação" do trabalhador que buscava promover a hegemonia burguesa passava por fazê-lo conceber todo o tempo como tempo integrado à produção, mesmo o

tempo fora da fábrica ou do local e rotina de trabalho. A passagem anterior de Benjamim Franklin mostra como a mentalidade burguesa mostrou-se pautada intensamente numa "racionalidade" voltada em todas as instâncias à obtenção do lucro e à acumulação. Certamente não seria pequeno o desconcerto de Franklin ao deparar-se com a seguinte atitude dos paisanos:

Na casa de Danny, as mudanças eram cada vez menores. Os amigos tinham mergulhado numa rotina que poderia ser monótona para qualquer um, menos para um paisano: acordar de manhã, sentar ao sol e especular sobre o que o Pirata traria. (STEINBECK, s/d, p. 188)

A rotina da qual partilhavam os paisanos parece ser o completo oposto à diligência propalado pelos escritos de Franklin e que caracterizam um dos pilares da visão de mundo burguesa. Precisamente esse comportamento perante o trabalho e à vida como um todo que é celebrado por Steinbeck por meio de um retrato bastante simpático.

Ao construir de forma tão positiva o modo de vida dos paisanos, Steinbeck está, ao mesmo tempo, atribuindo um valor à realidade histórica que o circunda e mostrando, por contraste, quão prejudiciais e perigosos são os valores burgueses.

Assim como o trabalho visto pelos paisanos não é voltado à acumulação, também suas opiniões acerca do dinheiro são bastante temerosas. Pilon, por exemplo, se preocupa quando Danny se descobre herdeiro de um tio seu, ao passo que se lamenta sobre esse fato:

Quando se é pobre, a gente pensa: "Se eu tivesse dinheiro, dividiria com meus amigos". Mas assim que o dinheiro chega, a caridade some. O mesmo se dará contigo, meu antigo amigo. Foste guindado acima dos teus amigos. És um homem de posses. Vais esquecer teus amigos, que dividiram tudo contigo, inclusive o conhaque. (*Idem, ibidem*, p. 18)

O dinheiro aparece aqui como elemento estranho que causa instabilidade na vida como eles estavam acostumados. Colocando tal trecho diante da concepção de trabalho dos paisanos já aqui abordada - em que uma das principais características é não ser voltado exclusivamente à acumulação - ela ganha uma significação bastante grande para compreender que tipo de visão Steinbeck tinha acerca da mentalidade burguesa que grassava sua realidade sócio-histórica.

Enquanto as pressões exercidas hegemonicamente apontam na direção exatamente oposta àquela pela qual caminham os paisanos, transparece uma visão negativa do dinheiro e da acumulação em espectro amplo, já que de acordo com a fala de Pilon, sua preocupação repousa no impacto que esse elemento estranho terá sobre sua velha amizade e sobre sua forma de viver e de se relacionar socialmente.

A desconfiança de Pilon com relação ao dinheiro está expressa também em outro trecho, em que uma história é contada e um aviso moral é, nas entrelinhas, proferido:

- Eu tenho um tio, um perfeito avarento, que escondia o dinheiro no mato. E um dia, quando foi procurá-lo, o dinheiro havia sumido. Alguém o tinha achado e roubado. Ele já era velho naquela época, seu dinheiro havia desaparecido e ele se enforcou. (*Idem*, p. 81)

Enquanto a acumulação é tida como o objetivo maior do trabalho e mesmo como ideal de existência, os vagabundos, embalados, inclusive, por seu *carpe diem* boêmio, vêm com receios essa prática. O destino infausto do personagem da historieta de Pilon

denota a visão desfavorável que ele e os demais paisanos possuíam acerca da ambição por dinheiro.

Quando posto diante dos demais trechos, essa pequena história exprime como o modo de trabalhar, de viver e de pensar dos paisanos estava muito distante daquele que se pretendia hegemônico naquela realidade. Não somente as matrizes históricas dos personagens de Steinbeck, mas também suas próprias opiniões a esse respeito mostram como houveram vozes dissonantes a essa expansão das relações capitalistas.

O valor do trabalho para os paisanos, nesse ínterim, não é aquele voltado à acumulação "como um fim em si mesmo" (WEBER, 1967, p. 31), como um "lucro sempre renovado" (*Idem, ibidem*, p. 4), característico da mentalidade capitalista; mas sim o contrário disso, como atestam os excertos supracitados.

O autor se vale ainda do humor para fazer transparecer essa visão, como quando relata uma situação vivida por um dos paisanos, chamado Big Joe Portagee, ao chegar na casa de uma senhora do vilarejo de Tortilla Flat, onde a história se passa. A mulher, preocupada e solícita, ao enxergar Big Joe Portagee todo molhado exclama: "- Pobre homem, você esteve trabalhando nessa chuva." (STEINBECK, s/d, p. 138) ao passo que ele, não sendo um bom mentiroso, lhe responde: "- Estava dormindo na praia, debaixo de uma canoa." (*Idem, ibidem*, p. 139).

A postura de Big Joe Portagee em relação ao seu cotidiano está longe da disciplina férrea que se queria implantar massivamente nos Estados Unidos da época. Seu comportamento em relação ao tempo é no mínimo pitoresco, pois encontra-se afastado das exigências do novo trabalhador.

Assim como a atitude de Big Joe Portagee diante do tempo e diante do trabalho difere da hegemônica, as próprias bebedeiras de vinho que os paisanos praticam ao longo de todo o romance também o fazem. Não são raras as ocasiões em que Danny, Pilon e seus companheiros devotam seu tempo a beberem e se divertirem em festejos simples mas animados.

A disciplina de trabalho em vias de implementação naquela realidade histórica, a hegemonia que "nasce na fábrica" opõe-se, entre outras coisas, precisamente a isso, atitude classificada como "desvario", como nos mostra esse trecho dos escritos de Antonio Gramsci:

o operário que vai ao trabalho depois de uma noite de "desvarios" [*as homéricas bebedeiras de vinho, no caso*] (...) não é um bom trabalhador, a exaltação passional não está de acordo com os movimentos cronometrados dos gestos produtivos ligados aos mais perfeitos processos de automação. (GRAMSCI *apud* FERREIRA, 1995, p. 44)

Torna-se claro aqui como o embate e as discrepâncias entre o modo de vida cultivado pelos paisanos e aquele que prega a hegemonia burguesa encampam, na verdade, um conflito muito mais amplo em nível social. A sociedade estadunidense dos anos 20 e 30 é uma sociedade que passa por diversas mudanças que buscavam, como escreveu Ferreira, basear toda a "vida social do país na produção". Esse processo passava, entre outros expedientes, por combater práticas e concepções que, na visão de Steinbeck, tornam os paisanos um grupo tão leal e humanamente dignos de nota.

A literatura de Steinbeck, pelo menos especificamente em *Boêmios Errantes*, constrói através das potencialidades da ficção uma "leitura" histórica de seu tempo, de modo a, em alguma medida, legitimar um conjunto de valores e uma visão de mundo em detrimento de outra, que considera, por contraste, menos digna do que aquela que com tão simpáticas cores retrata. Embora o presente texto se restrinja à abordagem da

questão do trabalho no romance de 1935, existem diversos outros aspectos que orbitam em torno dessas mudanças históricas, como a moralidade, o valor do dinheiro, a noção de tempo etc.

Ao construir tal imagem do trabalho e dos trabalhadores, Steinbeck estava expressando através da literatura os conflitos de seu presente histórico. Havia na sociedade estadunidense da época um profundo embate entre o antigo e o novo modos de produzir e de viver. Esse conflito estava inscrito num conjunto mais amplo de mudanças em curso nessa época, que estavam diretamente ligados ao avanço da nova dinâmica econômica nos anos 30, principalmente após a Grande Depressão. A história dos vagabundos paisanos e a abordagem positiva de Steinbeck em relação a ela expressam não só o posicionamento do autor em relação às mudanças de seu tempo mas também mostra como houveram vozes dissonantes das hegemônicas, o que, por sua vez, mostra como na esteira de mudanças do capitalismo houveram toda sorte de embates, cujas ramificações podem ser obscuras mas nem por isso são menos encarniçadas ou determinantes para seu avanço ou retrocesso.

Referências Bibliográficas

FERREIRA, Jorge. **O movimento operário norte-americano**. São Paulo: Ática, 1995.

MILLS, C. Wright. **A Nova Classe Média**. 3ª ed. Tradução de Vera Borda. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

STEINBECK, John. **Boêmios Errantes**. 3ª ed. Tradução de José Sanz. Rio de Janeiro: Record, s/d.

WEBER, Max. **A ética protestante e o espírito do capitalismo**. Tradução de Maria Irene de Q.F. Szmrecsányi e Tamás J.M.K. Szmrecsányi. São Paulo: Pioneira, 1967.